

## ARTETERAPIA E PSICOLOGIA ANALÍTICA

Priscila Peixinho Fiorindo<sup>1</sup>

*A arte requer o homem inteiro!*  
Jung

### Resumo

Partindo do pressuposto de que a Arteterapia tem como objetivo conduzir o cliente, individualmente ou em grupo, ao conhecimento de si mesmo, por meio das diferentes expressões artísticas, considerando o ser humano como um todo, pretendemos mostrar o entrelaçamento do referido processo terapêutico com a Psicologia Analítica, desenvolvida por Jung. O método adotado foi a produção do desenho com o grupo de idosos, residentes de uma instituição particular. Os resultados mostram os benefícios da Arteterapia e da Psicologia Junguiana na busca do autoconhecimento.

**Palavras-chave:** Arteterapia; Psicologia Analítica; idosos.

### Introdução

Considerando a Arteterapia como o processo terapêutico que utiliza as diferentes técnicas artísticas, a fim de auxiliar o cliente a se conhecer, por meio da pintura, escultura, desenho, dramatização e contação de histórias, o arteterapeuta mergulha junto com o cliente, num mundo imaginário e, ao mesmo tempo real, conduzindo-o na busca do autoconhecimento. E, neste processo, o cliente entra em contato com conteúdos submersos do inconsciente para reconhecê-los e aprender a viver da melhor maneira possível, preservando a saúde mental e corporal.

Neste sentido, observamos que há um entrelaçamento entre a Arteterapia e a Psicologia Analítica, pois Jung (2011) ressalta que o homem deve ser visto por inteiro, ou seja, como um todo; pertencente a uma comunidade, num determinado momento, não poderia, portanto, ser visto dissociado do seu contexto social, cultural e universal. E na Arteterapia esta possibilidade, de nos encontramos com o "todo", é facilitado pelas expressões artísticas, que trazem os conteúdos do consciente e do inconsciente.

Portanto, nas duas abordagens – Psicologia Analítica e Arteterapia – verificamos o conceito de unidade, onde há a superação da visão fragmentada da percepção da realidade para que haja um desenvolvimento integral do ser na relação com ele mesmo, com o mundo e com o Todo. Além disso, ambas as teorias preocupam-se em promover mudanças de estado de consciência, para superar os sintomas e despertar sentimentos de paz, confiança, entrega, compaixão, amor, resultando em um estado de harmonia interior.

### 1. Abordagem Junguiana

Carl Gustav Jung introduziu uma nova maneira de praticar a psicologia clínica, uma outra visão de mundo e do homem. Ressaltava que o homem deveria ser visto por inteiro, ou seja, como um todo. Neste percurso, Jung manteve contato com Freud, quem fez dele um dos difusores de suas ideias. Enquanto a teoria de Freud buscava as causas, a de Jung buscava a direção, a finalidade, então devido à incompatibilidade de ideias, ambos romperam. Logo, Jung teve que caminhar sozinho em busca de respostas para si

---

<sup>1</sup> Prof.<sup>a</sup> Adjunta da Universidade Estadual da Bahia/UNEB, Coordenadora do Grupo de Pesquisa Psicolinguística: perspectivas interdisciplinares/UNEB, Doutora em Psicolinguística/USP, Mestre em Linguística/USP, Bacharel e Licenciada em Letras/Mackenzie-SP, Pós-Graduada em Arteterapia pelo Instituto Junguiano da Bahia (IJBA)/Escola Bahiana de Medicina.

mesmo e, de certa forma, para provar que suas ideias eram válidas e as de Freud tinham valores parciais. Neste contexto, ele mergulhou no mais profundo de sua alma, conectou-se com seu inconsciente e buscou lá inspiração e coragem para apresentar as novas descobertas no campo da Psicologia.

O pai da Psicologia Analítica, para conhecer a fundo a mente do ser humano, vivenciou diversas experiências artísticas consigo mesmo e, depois, com seus pacientes, a fim de identificar as causas das angústias, aflições, depressões que eram, visivelmente, expressas por meio dos símbolos presentes na arte. Paralelamente, se interessou pela Alquimia, pela Mitologia, pelos povos primitivos da Ásia, África e Índios Pueblos da América do Norte, pela filosofia e religiões orientais, conheceu e estudou o I Ching e encontrou ressonância nos simbolismos destas culturas para a compreensão do desenvolvimento humano.

Diante do exposto, verificamos que a grande busca de Jung (2011) consistiu em conhecer a si mesmo e o significado da vida, considerando o homem como um ser completo. Em suas pesquisas, percebeu que a psique, abrangendo todos os pensamentos, sentimentos, comportamentos, tanto conscientes quanto inconscientes, e tendo a função de regular e adaptar o indivíduo ao ambiente social e físico, trilha um único objetivo, que é o encontro com seu próprio centro, a unicidade, é o retorno do ego às suas origens. O autor nomeou este desenrolar da vida psíquica de Individuação, que não é repentino, mas se apresenta como um processo contínuo e, não necessariamente linear, no percurso da vida.

## **2. Arte e terapia**

Para compreendermos o papel da Arte na vida dos seres humanos, faz-se necessário, de forma breve, conceituarmos a referida área de conhecimento, a fim de estabelecermos um diálogo possível entre a Psicologia e Arte, imagem, com intuito de observar a contribuição dos elementos artísticos no processo de autoconhecimento.

Segundo Fiorindo (2009), desde a pré-história a imagem já era considerada um símbolo cheio de significados, “assim, a visão, o gesto, a imagem e o som (ritmo), foram acompanhando lenta e gradativamente o desenvolvimento da escrita” (BARTHES; MARTY, 1987 apud JORGE, 1999, p. 20). Os autores, ao analisarem a arte pictográfica com desenhos de animais e homens, acreditam que não se trata de uma simples transcrição ou imitação da realidade, visto que estes desenhos possuem uma organização sintática e simbólica.

Nesta perspectiva, ressaltamos a importância da arte para o desenvolvimento integral do ser humano:

[...] a educação por meio da arte, pode ser importante de uma forma especial, não tanto porque produza artistas ou produtos artísticos, mas porque pode produzir pessoas melhores. Se os objetivos estabelecidos abertamente para a educação dos seres humanos são os mesmos que estou pensando, se o que esperamos de nossos filhos é que sejam seres humanos plenos e que avancem rumo à realização de suas potencialidades, então o único tipo de educação existente, hoje em dia, com alguns indícios de tais objetivos é, se não me engano, a educação artística. (MASLOW, 1982, p. 67)

Dentre as diferentes expressões artísticas, que podem ser exploradas na Arteterapia, daremos enfoque, aqui, ao desenho.

### 3. Desenho

O desenho é uma forma de comunicação que surge na infância e, perpassa as diferentes fases do desenvolvimento humano, desde que seja fornecida a oportunidade aos adolescentes, aos jovens, aos adultos e aos idosos, de poderem expressar o seu momento interior, por meio dos traços e cores utilizados na folha de papel.

A partir de então, no processo de Arteterapia o que importa não é o domínio técnico, mas o simbolismo presente na expressão plástica. O que interessa é o conteúdo e não a forma, no percurso percorrido pelo cliente enquanto desenha, onde ele se colocará, também, através dos gestos e posturas. A intensidade da linha, o movimento, as texturas, a dimensão das formas utilizadas, em relação ao tamanho do papel, são dados importantíssimos para analisar o processo do sujeito, pois tais dados trazem conteúdos da personalidade e da psicodinâmica.

Dessa maneira, o desenho é um recurso terapêutico poderoso, que traz um universo de símbolos a serem interpretados. Através da produção pictográfica, transfere-se a energia psíquica do inconsciente para o ato criativo, por meio dos símbolos, que são assimilados pela consciência.

#### 3.1 O desenho e seus símbolos

Aqui, apresentamos a oficina de desenho com os idosos, homens e mulheres, residentes de uma instituição particular.

Inicialmente, houve a sensibilização com música *Lothlorien* de Enya e durante 3 minutos todos ficaram de olhos fechados. Posteriormente, os participantes foram convidados a fazer um desenho para responder a questão: “Como é o lar onde vivo?” Após o término do desenho, os idosos foram solicitados a comentar, caso quisessem, sobre o que tinham produzido. O objetivo desta técnica foi observar como eles se sentiam enquanto residentes da instituição. Os participantes estão identificados com as letras do alfabeto.

#### Desenho1



AL 85 anos

#### Relato

A: *Na casa tem mesa, cadeira, cama, televisão e antena de televisão.*

#### Comentários

De acordo com a imagem apresentada, observamos que ela se encontra no centro da folha de papel, o que pode indicar uma grande importância dos conteúdos trazidos, no relato de AL (homem de 85 anos). Conforme Greig (2004), a casa sempre é cheia de riquezas simbólicas e, paralelamente, neste caso, verificamos o resgate da estrutura da

casa tradicional, local onde AL viveu. Considerando que a casa significa proteção, abrigo e aconchego (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1998), e levando em conta o que AL diz, sobre os objetos existentes dentro do lar – “mesa, cadeira, cama, televisão”, podemos dizer que a casa possui tudo o que ele precisa para viver bem. E este bem-estar foi manifestado, também, pela expressão facial de satisfação de AL ao relatar o que tinha dentro do lar, ou seja, a representação da casa mostra, também, o mundo interior do indivíduo. Ao se sentir protegido, ele traz o arquétipo da *anima* (JUNG, 2011), que constitui o lado feminino no homem. Conforme Jung, homens e mulheres possuem aspectos do sexo oposto, não só biologicamente, através dos hormônios e genes, mas também, psicologicamente através de sentimentos e atitudes. Quanto às cores utilizadas, perguntei ao cliente o que elas significavam, o que elas traziam de lembrança para ele. Logo, pela expressão corporal e facial, observei que o vermelho representava a emoção, a vida; enquanto o azul e o verde expressam a racionalidade, calma, mostrando a dualidade intrínseca ao ser humano, e o preto significa a ausência de cor, servindo, neste caso, para dar valor a outras cores, como o próprio cliente relata – “usei para destacar”.

## Desenho 2



JN 73 anos

### Relato

JN: *fiz as árvores, a casa lá em cima, esta é onde eu morava, antes de vir para cá (JN aponta para a outra casa em azul).*

### Comentários

JN (homem de 73 anos) utilizou o espaço superior da folha de papel, indicando o mundo do sonho e da imaginação. Paralelamente, fez o desenho da casa, onde ele morou, no centro e no alto, o que revela o resgate e a importância que o referido lar tem para ele, ou seja, como o estado emocional, vivido no passado, ainda se faz presente, considerando que a representação da casa corresponde ao eu interior. O símbolo do triângulo pode corresponder, neste caso, às três pessoas divinas – pai, mãe e filho e, também à busca da espiritualidade. Paralelamente, na perspectiva da Psicologia Analítica, verificamos o arquétipo materno, o comportamento típico da mãe de proteger e abrigar a família. Já a residência atual está apoiada no chão, mostrando o aqui/agora, o dia a dia de JN, que embora tenha as lembranças do passado, vive no presente, desenvolvendo diferentes atividades, como artesanato – ele faz porquinhos de jornal, esculturas com argila, imagens com garrafas plásticas e, agora, também participa das

sessões de Arteterapia. As árvores, aqui, representam a arborização da residência dos idosos, onde ele mora, além de trazer, por meio dos galhos o contato com o céu, o mundo superior e, ao mesmo tempo, a conexão com a terra, através das raízes das árvores. O relato de JN vai ao encontro das observações ressaltadas na imagem que ele produziu.

### Desenho 3



E. 73 anos

#### Relato

E: *eu fiz essa casa parecendo um monte de retalhos, mas tá feio, eu não sei desenhar.*

#### Comentários

Para representar o lar, E (mulher de 73 anos) utilizou o lado esquerdo da folha de papel, o que pode indicar o passado, ainda presente. Desenhou a parte inferior e superior da casa, como se fosse um mosaico, ou como ela mesma diz, “um monte de retalhos”. Em cima há três triângulos, representando o telhado que parece se referir à construção do lar e, conseqüentemente, à família completa – pai, mãe e filho. O contorno da casa, expresso por curvas, indicam a presença do arquétipo materno (JUNG, 2008), que tem como função proteger a família. Os traços leves revelam uma mulher sensível, delicada, tímida e, também, pela expressão facial e corporal, um tanto insegura. Outro fator relevante neste contexto é a própria forma da casa, que parece estar dividida em pedaços, e considerando o lar como o reflexo do estado interior de cada ser, parece que suas emoções estão fragmentadas. Nesta perspectiva, ela pode estar em busca de algo mais sólido, que a sustente, emoções que despertem a vitalidade, representado pela cor vermelha, com maior predominância. Enquanto o azul e verde se referem à racionalidade, equilibrando, assim, o *animus* – o lado masculino, presente na psique da mulher.

#### Considerações finais

Diante do exposto, evidenciamos como o desenho, neste caso direcionado, pode trazer conteúdos relevantes para a identificação do estado emocional dos idosos. As imagens, aqui, apresentadas são cheias de símbolos que representam o ser como um todo, onde identificamos as diferentes emoções expressas pelos traços, fortes ou fracos,

pelas cores quentes ou frias. Tais emoções foram confirmadas pela verbalização da mulher e dos homens, participantes da oficina.

Nesta perspectiva, parafraseando Bibao & Cury (2005), a Arteterapia converge com a premissa junguiana de que o homem orienta-se em função de símbolos, na medida em que facilita o contato, a compreensão e a transformação deles por meio do processo criativo. Logo, a arte tem um papel estruturante na vida do sujeito.

Vale lembrar que, tanto na Arteterapia quanto na Psicologia Analítica, existe a postura amorosa do profissional e do cliente, que aceita e se abre para o outro como ele é. Logo, não há julgamento e nem reflexões presas à teoria para interpretações, na interação, justamente para que o encontro ocorra. E neste processo, acontece a abertura para o novo, para o desconhecido, num processo de exploração e experiência conjuntas.

### **Bibliografia**

- BILBAO, G. G. L.; CURY, V. E. *O artista e sua arte: um estudo fenomenológico*, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n33/12.pdf>> Acesso em 29/11/2013.
- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 12<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- FIORINDO, P. P. *O papel da memória construtiva na produção de narrativa oral infantil a partir da leitura de imagens em sequência*. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH/USP, 2009.
- GREIG, P. *A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artemed, 2004.
- JORGE, L. S. *Roda de Histórias: sons, imagens e movimentos novos modos de informação em educação*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, ECA/USP, 1999.
- JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: NovaFronteira, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O Espírito na arte e na ciência*. O.C. vol. 15.4<sup>o</sup> edição. Petrópolis –Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- MASLOW, A. *La amplitud potencial de La naturaleza humana*. México: Trillas, 1982.